

FAMÍLIA MODERNA: RUPTURAS SEM DRAMAS

Gina Valbão Strozzi Nicolau¹

*É para realizar mais humanamente o conflito do homem com sua angústia mais arcaica, é para oferecer-lhe o campo cerrado mais leal onde ele pode medir-se com as figuras mais profundas de seu destino, é para colocar ao alcance de sua existência individual o triunfo mais completo contra a servidão original - **que o complexo da família conjugal cria os êxitos superiores do caráter, da felicidade e da criação.***

(LACAN, J. *Os Complexos Familiares*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985)

Falar de família é algo menos fácil do que você pode imaginar, nem tanto pela rediscussão atual dos papéis familiares ou até mesmo pelos novos modelos centrados no padrão 'mono-parental' (onde somente um dos cônjuges – geralmente a mãe – assume o lar e filhos) ou no formato 'homo-parental' (onde é regida por um homossexual), mas, principalmente, é difícil pelo fato de todos os membros da família estarem em seus quartos, todos em seus redutos particulares, com total liberdade e em total solidão.

Assim, é a nova família. Família que ao longo do último meio século, especialmente nos países ocidentais, mas em certa medida no mundo todo, alterou o seu fundamento, ou seja, a aliança do casamento mudou de uma maneira fundamental. Com o amor no 'centro' ela passou a ser, ao menos em princípio, um encontro de iguais e não uma relação díspare; é um laço emocional forjado e mantido com base em atração pessoal, sexualidade e emoção, e não por razões econômicas, religiosas e políticas como antes.

A família é uma organização que mudou no curso da história. Hoje, este modelo acima, sucumbe a um entrelaçamento de amor, sexualidade e fecundidade, que parece dispensável. Nitidamente temos a sexualidade sem o amor, a sexualidade sem a fecundidade e a fecundidade sem a sexualidade.

Podendo, a família moderna, frente ao maniqueísmo estrito, reduzir-se a: uma direita nostálgica que exige uma restauração dos valores idênticos aos de antes

¹ Gina Valbão Strozzi Nicolau é Bacharel em Psicologia, Bacharel em Pedagogia, Bacharel em Teologia, Mestra em Ciências da Religião, Especialização Sexualidade Humana e Doutoranda em Ciências da Religião. É professora na Faculdade Teológica Batista de São Paulo no campo da Psicologia.

(baseados no patriarcalismo ou no amor eterno), e uma esquerda que defende o indivíduo.

Analisar a família com simplismo, certamente que esterilizaria a reflexão. Portanto, é frente ao complexo da família conjugal – como chamou Lacan – que partimos, em busca, não do lugar do caráter, nem da criação, mas da **felicidade**, nesta nova família.

Em nossos dias, não há uma “moral geral”, mas há “escolhas de existência”, que tocam a liberdade individual para a busca da felicidade, afirmam os filósofos.

Escolher ser feliz é escolher entre ficar ou sair, escolher entre a mesa do jantar cheia de crianças falantes e famintas ou optar por cada um estar no seu quarto, todos quietos, com seus computadores pessoais plugados na internet.

Escolho estar junto ou escolho me separar para ser feliz. As rupturas, as cisões, são formas encontradas por nós, para solucionarmos os nossos desencontros e as nossas frustrações frente as nossas escolhas individuais em busca da felicidade.

A moral da felicidade implica, pois, uma moral da separação, uma moral fusional, que legitima uma falta de desejo, de amor, de não querer mais, de não ser mais feliz assim. O drama da separação foi superado pela justificativa da coragem e liberdade em buscar a felicidade, e não pela constatação da resignação e do fracasso em estar e se manter juntos. Há uma supervalorização do casal e uma desvalorização da família.

A liberdade só existe sendo ilimitada? E o indivíduo feliz, só existe se for onipotente e operante da sua liberdade? As rupturas familiares atuais e tão comuns, sem dramas, respondem que sim. Será?

Fonte: web-site da Faculdade Teológica Batista de São Paulo – www.teologica.br